1

A TRANSIÇÃO MINEIRA*

Carlos Drummond de Andrade viveu o suficiente, física e intelectualmente, para fechar o ciclo de três eras da vida intelectual mineira, o tempo dos literatos, o tempo das ciências sociais e o de uma nova fascinação com os tempos da literatura. De forma imperfeita e confusa, este foi também o ciclo da contemplação, do engajamento na política e da volta ao distanciamento literário; ou ainda, se quisermos, do individualismo, da imersão na militância coletiva e da recuperação do eu, com toda a sua possível riqueza, mas também com sua fragilidade.

No começo era o jovem Drummond, cultivado nos círculos afrancesados dos literatos mineiros, quem dialogava com Mário de Andrade, tratava de conhecer o mundo pela via da poesia e buscava pela revolução da palavra a transformação da mentalidade e da realidade de seu país. Depois são os tempos contraditórios da proximidade com o poder, Drummond assistindo e participando, à sua maneira, da grande revolução educacional e cultural tentada por Gustavo Capanema à frente do Ministério da Educação de Getúlio Vargas. Mais tarde é o Drummond engajado, redator da *Tribuna Popular*, quase candidato a deputado pelo Partido Comunista; finalmente, é a frustração com a política e a volta à crônica, à literatura, primeiro talvez como um

* Texto escrito como comentário ao trabalho de Francisco Iglésias, *História, Política e Mineiridade em Drummond*, preparado para apresentação no ciclo de conferências "Drummond: Alguma Poesia", Rio de Janeiro, Fundação Cultural Banco do Brasil, 24 abr 1990.

refúgio, mais tarde, finalmente, como consagração. A poesia, diz agora Francisco Iglésias, é a forma suprema de conhecimento do humano, certamente superior à história, e a vida literária que Drummond conduz com criatividade e graça até o fim de seus dias deve também servir, por implicação, de paradigma que homens e mulheres de idéias deveriam emular.

No mundo de Minas, ninguém mais que o próprio Iglésias talvez tenha vivido as ambigüidades desses dilemas eternos entre a intuição e a razão, a empatia e o conhecimento sistemático, a contemplação literária e o engajamento político, o desnudamento de si próprio no presente e a análise fria da sociedade e do passado. Nutrido pela melhor tradição literária da geração que o antecede, Iglésias acompanha Drummond em seu mergulho na política nos anos 40 e emerge não mais como um literato mineiro — como seus contemporâneos Fernando Sabino, Rubem Braga ou Paulo Mendes Campos —, mas como historiador, e como tal o primeiro, e mestre, de toda a geração de cientistas sociais que se formou em Minas a partir dos anos 50. Agora, ao declarar a superioridade da poesia, Iglésias parece fechar, ele próprio, o ciclo percorrido por Drummond (e que talvez prenuncie o momento, esperado por todos, em que sua obra poética guardada todos esses anos, e que temos certeza de que existe, finalmente venha à luz).

É significativa, nessa transição, a fusão constante entre três coisas distintas: a maneira de conhecer o mundo, o engajamento na vida pública e a questão do individual e do coletivo. Drummond participa intensamente da vida pública desde os tempos do Ministério da Educação, prossegue em seus anos de namoro com o Partido Comunista no pós-guerra e continua anos afora pelo trabalho jornalístico. Os tempos com Capanema devem ter sido difíceis não só pela proximidade do governo Vargas com as ideologias fascistas como também pelo extremo conservadorismo e clericalismo com que Capanema tratava de conduzir seu Ministério[1]. Explicar a presença incômoda de Drummond nesse ministério por simples razões de amizade ou dizer que sua atuação foi simplesmente burocrática e administrativa é fazer pouco de sua inteligência e de seus valores. Pelo que sabemos, Drummond tratou, naqueles anos, de manter aberto o espaço para o lado mais criativo e moderno do Ministério Capanema e do país, o da cultura, do patrimônio histórico e das artes, e dessa maneira talvez tenha-se resignado a assistir impotente ao que ocorria na área da educação. Seu engajamento político nos anos seguintes, junto aos grupos de esquerda, sugere uma busca de expiação daqueles anos difíceis e ambíguos, em troca de um engajamento mais definido e claro.

Talvez não saibamos nunca se Drummond chegou a namorar o marxismo naqueles anos de engajamento e pensou em substituir sua forma de conhecimento do mundo pela via da literatura e da poesia, de corte pessoal e

1 Para maiores detalhes, ver S. Schwartzman, Helena Bomeny e Vanda Maria Pereira Costa. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra /Edusp, 1984.

intimista, pelo "conhecimento científico" que o marxismo prometia. Alguns dos trabalhos daqueles anos que Iglésias cita podem sugerir uma tentativa de aproximação com o "realismo socialista" que dominava os círculos literários da esquerda e que ainda não havia revelado suas feições mais caricatas. Se houve algo disso, certamente durou pouco, tanto pela bagagem literária que o poeta já tinha, e que lhe dava ancoradouro firme, quanto pela dificuldade que seria aprender, com a mesma competência, essa nova linguagem. O certo é que o envolvimento com a esquerda organizada significava, naqueles anos, não só uma postura política como também uma nova definição da hierarquia de conhecimentos e atitudes — o marxismo no topo, a literatura como instrumento de ação social, o individual a serviço do coletivo —, e Drummond não atravessaria incólume as exigências desse credo.

Imagino que a geração seguinte, sentindo-se talvez apequenada pela obra dos poetas modernistas, mas fortalecida pela própria juventude, pudesse tentar ir mais longe, adotando como ponto de partida a primeira e a mais tradicional das ciências sociais, a história. A ignorância literária da terceira geração tornou essa passagem, mais do que natural, quase inevitável. Ainda aqui, a mudança não era somente na forma de conhecimento e de produção intelectual, mas atingia também as demais esferas. Para a nova geração de cientistas sociais, conhecer e transformar a realidade era quase o mesmo ato, o trabalho poético e literário fazia sentido quase que só como panfleto e não deveria haver lugar para a atividade intelectual de tipo intimista ou cultural que não fosse socialmente transformadora.

Não caberia descrever em detalhe, aqui, como esse círculo se encerra em crise e de que forma a literatura volta a ser entronizada como forma suprema de conhecimento social. Basta assinalar que houve, pelo menos, dois caminhos paralelos. Para alguns, o encerramento dessa fase veio de um simples alargamento de horizontes, do reconhecimento de que existem outras tradições intelectuais que não a marxista, que tratam de forma menos pretenciosa e mais adequada a questão da objetividade, que não se consideram guardiãs do futuro da história, que admitem uma relação mais frouxa e complexa entre o mundo do conhecimento e o da ação, que não pretendem comandar e subordinar a produção literária e artística a seus conceitos e que não requerem que as pessoas entreguem seu espaço individual e privado à ação coletiva. Para outros, foram necessárias as crises sucessivas da esquerda e do marxismo em todo o mundo, do início da desestalinização na União Soviética em 1956 à *perestroika* vinte e cinco anos depois, passando pelas frustrações e reexames de consciência forçados pela oposição inglória a vinte anos de governo militar no Brasil, que culminam na República de José Sarney.

Desses dois processos, o primeiro é o mais difícil e incerto, o segundo, mais certeiro e doloroso. É difícil desenvolver tradições intelectuais ricas e complexas sem um sistema universitário bem-estabelecido, sem vínculos culturais intensos com outras partes do mundo, sem tempo de maturação e

sem certo espaço e distanciamento em relação às crises e pressões do cotidiano. A expansão desordenada do espaço universitário brasileiro nas últimas décadas propiciou pouco dessas condições e abriu, ao mesmo tempo, grande espaço para a incorporação da vulgata marxista, ao mesmo tempo revolucionária e simples, se não simplista, em sua interpretação do mundo do conhecimento, da ação política e da vida social. Quando o mundo real, em sua brutalidade, coloca a nu seus equívocos, o que entra em seu lugar não são formas superiores de conhecimento e alternativas de participação social. Tudo parece destruído, os valores, o sentido de responsabilidade para com o outro, as maneiras de conhecer e entender o mundo. Resta, quem sabe, a poesia.

Para os que ainda têm esse recurso — e são poucos, infelizmente —, o retorno à poesia e à literatura é como a volta à terra firme. Francisco Iglésias, historiador e cientista social, diz como não gosta de conceitos como o de "mineiridade", carregados de conotações essencialistas, antropomórficas e, no fundo, preconceituosas sobre povos e nações. Mas logo depois Iglésias, homem de letras, leitor de Drummond desde a adolescência, mostra-nos como, pela poesia, "Drummond é quem melhor traduz Minas Gerais, quem mais profundamente penetrou em sua essência. Ele e Guimarães Rosa".

Mas essa terra firme não tem por que, em um imperialismo às avessas, substituir outras modalidades de conhecimento, da mesma forma que não é possível pretender que a crônica jornalística drummondiana das últimas décadas substitua todas as formas de análise social e política existentes. Já não é possível, simplesmente, voltar aos tempos da rua da Bahia e retomar o projeto literário daqueles anos, ou mesmo o mais bem articulado deles, o do modernismo liderado por Mário de Andrade, em toda a sua ambição e inocência. Opor a poesia à história, a literatura às ciências sociais, a arte à ciência, a intuição ao conhecimento racional é simplesmente repetir os reducionismos do passado, só que com o sinal trocado. Reencontrar Drummond, seguir sua trajetória, absorver sua lição de fidelidade a si próprio, recuperar a importância da poesia e da literatura como meios insubstituíveis de capturar os sentidos múltiplos da experiência humana são tarefas que nos devem conduzir a horizontes cada vez mais largos e nunca a novas servidões.

Petrópolis, abril de 1990.